

DA AUTORA QUE CONQUISTOU MAIS DE UM MILHÃO DE LEITORES

Alice Kellen

mapa
dos
desejos

Alice Kellen

mapa
dos
desejos

Tradução

Débora Isidoro



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Alice Kellen, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Copyright de tradução © Débora Isidoro, 2026
Todos os direitos reservados.
Título original: *El mapa de los anhelos*

Preparação: Marianna Muzzi
Revisão: Diego Franco Gonçalves e Tamiris Sene
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa: Dirty Harry
Adaptação de capa: Heleni Andrade

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Kellen, Alice
Mapa dos desejos / Alice Kellen ; tradução de Débora Isidoro. –
São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
400 p.

ISBN 978-85-422-4318-5
Título original: El mapa de los anhelos

1. Ficção espanhola 2. Ficção romântica 3. Luto I. Título
II. Isidoro, Débora

26-1726 CDD 863

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção espanhola

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo,
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Avenida Paulista, 854 – 2º andar
01310-913 – Bela Vista – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRÊCHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Meu nome é Grace

ÀS VEZES, deitado na cama, fecho os olhos e imagino o começo da minha vida. Vejo um espermatozoide mais rápido que todos os outros, movendo-se com entusiasmo até chegar às trompas de Falópio. Abre caminho com movimentos bruscos e consegue conquistar o óvulo que todos queriam, atravessando a membrana plasmática. E, então, depois da fecundação, eu entro em cena. Ainda não tenho olhos, boca ou membros, mas existo.

Uma existência com um propósito.

A maioria das pessoas que conheço se pergunta frequentemente por que veio a este mundo, qual é sua missão ou se existe um sentido para sua vida. Não posso dar a elas uma resposta, mas meu destino estava claro desde o início, como a grama que cresce para alimentar o gado ou as abelhas e sua ânsia para polinizar tudo. Portanto, quando eu era criança e me pediam na escola para ficar em pé e me apresentar, ou escrever uma redação sobre minha família, eu sempre começava dizendo: “Meu nome é Grace Peterson e nasci para salvar minha irmã”.

Meu avô costuma dizer que cheguei ao mundo usando uma capa de super-heroína. Uma capa roxa, é claro. Ela esvoaçava nas minhas costas, embora ninguém pudesse vê-la, nem mesmo a parteira que me segurou pela primeira vez. É certo que, apesar de eu ter chorado de um jeito escandaloso quando nasci, todos estavam mais interessados em outra coisa: o valioso cordão umbilical cheio de sangue, cujas células-tronco poderiam ser transferidas para Lucy para erradicar a leucemia mieloblástica diagnosticada quando ela tinha um ano e meio de idade.

Na infância, nunca pensei muito a respeito, mas acho que isso fez com que nós duas criássemos uma união profunda, mesmo sendo tão diferentes. Minha

irmã era doce e todo mundo dizia que seu sorriso era autêntico e contagiante; os médicos a adoravam, minha mãe a chamava de “meu Sol” e, quando seu estado de saúde permitia que ela fosse à escola, todas as colegas se desdobravam por ela. “Você tem brilho, Lucy”, dizia meu pai, “parece uma estrela cintilante.”

E quem não quer ser comparada com as estrelas, a lua, os astros, as constelações ou as galáxias fascinantes e infinitas?

Eu, é claro.

Eu, que sempre fui mais como um buraco negro: ninguém me entende muito bem, por mais que faça sentido, teoricamente, e continuo sendo um mistério até para mim mesma, com meu campo gravitacional impedindo que nenhuma partícula escape.

Então, diferente de Lucy e de seu brilho, tenho que me esforçar constantemente para sorrir. “Parece que minha boca é feita de um papelão duro”, disse uma vez ao meu avô. E ele, depois de me pôr na cama e me cobrir, respondeu: “Você sabia que o papelão amolece com um pouco de água? Deveria experimentar para ver o que acontece, Grace”.

Sinto vergonha de admitir que nunca me esforcei muito. Mas tenho meus motivos: o mundo é um lugar hostil. Não consigo ver a vida como um presente, mas sim como um caminho difícil, cheio de dor, injustiças, doenças e diversos sofrimentos.

Eu disse isso à Lucy uma vez, em uma noite de insônia em pleno inverno, quando os flocos de neve voavam do outro lado da janela e ela se levantou de madrugada para pegar um copo de água. Nossos quartos ficavam um em frente ao outro, e isso tornava o contraste evidente: sua colcha era cor-de-rosa, a minha era roxa; ela ainda guardava os bichinhos de pelúcia da infância, e eu havia levado todos os meus para o sótão; as paredes do quarto dela eram enfeitadas com gravuras em tons pastéis, e as minhas eram cobertas com fotos de Vivian Maier* ou pedaços de papel com palavras soltas que me deixavam obcecada.

— Lucy, não entendo a vida.

— Como assim?

* Vivian Dorothea Maier foi uma fotógrafa norte-americana especializada na chamada *street photography*. Trabalhou por quarenta anos como babá, especialmente em Chicago, enquanto tirava fotos em seu tempo de folga. (N.E.)

— É supervalorizada.

Lucy deixou o copo sobre minha mesinha de cabeceira, e abri espaço para ela na cama. Suas mãos estavam frias. Eu mal conseguia distinguir sua silhueta na escuridão, mas podia ver seus cabelos loiros espalhados sobre o travesseiro, a pele pálida, as olheiras e o rosto inchado por causa da medicação, um contraste com suas pernas finas como as de um flamingo.

— Talvez o problema seja você tentar “entender” a vida. Não é um quebra-cabeça, Grace. Acredite em mim, já pensei muito sobre isso. Muitas vezes pensei nela como se fosse um jogo, mas é uma porcaria, porque ela não vem com manual de instruções nem estratégias úteis, é mais como jogar dados e ver quais números saem.

Não havia nada que Lucy gostasse mais do que jogos de mesa. Isso é compreensível: o hospital era sua segunda casa e, para se distrair, ela passava o tempo com um baralho ou o último jogo que ganhara de alguém. Na minha família, somos todos especialistas nesse tipo de disputa, mas ela sempre foi imbatível.

“Tenho uma memória excelente e muito tempo para pensar”, costumava dizer quando eu perguntava como ela conseguia adivinhar todos os meus movimentos nos nossos jogos de tabuleiro. Em vez de argumentar, eu simplesmente distribuía as peças novamente.

Separar Lucy de sua doença era como pegar várias gotas de tinta a óleo, misturá-las e depois tentar recuperar as cores. As duas eram como uma trepadeira com suas flores e espinhos: às vezes, a primavera vencida a batalha e Lucy brilhava por um tempo, mas o inverno sempre acabava voltando, mais cedo ou mais tarde.

“Ela deveria estar curada”, dizia meu pai.

A bem da verdade, tecnicamente isso aconteceu. Ela se curou. Mas alguns meses depois, recebeu o diagnóstico de DECH, doença do enxerto contra o hospedeiro. Ou seja, uma complicação grave após o transplante alogênico que se resumia a uma luta implacável das minhas células contra o sistema imunológico de Lucy. Começaram a administrar corticosteroides e imunossupressores para evitar a rejeição do transplante, mas isso enfraqueceu tanto suas defesas que ela estava sempre vulnerável a qualquer infecção oportunista, desde pneumonias até múltiplas infecções urinárias.

Quando falavam sobre isso, eu só conseguia pensar em um punhado de vermes se retorcendo.

O fascinante em Lucy era que, apesar de tudo, ela não se revoltava contra o mundo por causa do que lhe acontecia. Quanto mais ela aceitava a doença, mais isso me incomodava. A grande pergunta estava sempre girando ao meu redor: “Por quê?”. Meu avô dizia que, desde que eu era pequena, já se previa que aquilo se tornaria um problema, porque vivi intensamente aquela fase em que as crianças questionam tudo.

“Por que não podem existir novas cores?”, “Por que as vacas têm manchas pretas, e não roxas?”, “Por que todos os meninos na escola têm cabelo curto?”, “Por que picles se chama picles?”, “Por que a água do mar é salgada?”

Ainda hoje, o primeiro papelzinho que escrevi continua colado na parede do meu quarto, no qual se pode ler: “POR QUÊ?”. Todos os outros foram sendo trocados com o passar dos anos. Teve uma época em que fiquei obcecada pela palavra “espevitada”, e outra em que não conseguia deixar de pensar na beleza contida em “flor de laranjeira”, “escaravelho” ou “buganvília”. Minha parede é uma cobra que vai trocando de pele.

Mas a grande pergunta permanece. Não importa quanto tempo passe, ela sobrevive à chuva e não se incomoda com o frio ou com as altas temperaturas. É inabalável.

“Por que Lucy teve que ficar doente?”

Qualquer um diria: “Ah, porque sim, porque a vida é assim, porque o mundo é um lugar aleatório e caótico, não há regras ou estatísticas que expliquem. Portanto, para de pensar nisso, arranca o bendito papelzinho da bendita parede e aceita isso de uma vez por todas”.

Mas como não sou qualquer um, continuo insistindo.

Estava escrito? Existe um código secreto para cada um de nós no imenso universo, algo tão complexo quanto o próprio DNA? Poderíamos mudar nosso destino se conseguíssemos adivinhar o que vai acontecer no futuro? É possível que algum ser superior e divino decida que uma garotinha de dois anos merece enfrentar um câncer, uma enchente, morrer de fome ou sofrer qualquer outra desgraça desse tipo?

Uma vez, minha mãe me contou como tudo começou: foi por causa de umas manchas. A barriguinha de Lucy ficou cheia de pintinhas vermelhas,

e depois apareceram os hematomas. “Você caiu?” “Não”, ela disse. “Alguma criança te bateu no parque?” E ela negou com um movimento de cabeça. Depois de uma consulta de rotina com o pediatra, ela foi internada e, no hospital, começaram a fazer exames.

O diagnóstico foi rápido. A quimioterapia também. Como minha chegada triunfal ao mundo, com todas aquelas esperanças depositadas em um punhado de células.

A felicidade durou pouco.

Olhando para trás, acho que cresci dentro de um palácio abandonado que foi desmoronando até se transformar em um monte de ruínas.

Meus pais se conheceram em uma festa da empresa onde trabalhavam, e acho que, naquela época, o salão do palácio imaginário devia estar no auge de seu esplendor, com lustres e paredes revestidas de papel de parede colorido enquanto eles dançavam no centro: ele sempre foi um homem muito atraente (as vizinhas e as amigas da minha mãe sempre diziam isso), e ela era inteligentíssima. Juntos, formavam uma dupla perfeita. Depois de casados, eles faziam churrascos no jardim e eram considerados “um casal interessante”. Não consigo pensar em muitos elogios mais maravilhosos que este: ser interessante.

Os dois eram corretores imobiliários.

Meu pai encantava os compradores com sua simpatia, seu sorriso branco e perfeito, seus gestos seguros e aquele estilo sedutor dos anos 1950 que ele exibia sem esforço.

Mas ela era muito melhor. O apelido da minha mãe era “Rosie, o tubarão”. Os clientes se transformavam em presas quando caíam nas mãos dela. Minha mãe conseguia encontrar o comprador ideal para cada casa. Tinha vendido casas em ruínas, outras com fama de serem mal-assombradas e até duas onde foram cometidos assassinatos. Por duas vezes consecutivas, foi nomeada a melhor corretora imobiliária do estado, e sempre encantava a todos nas elegantes festas de Natal realizadas na cidade.

Com a chegada de Lucy ao mundo, os Peterson se transformaram no casal perfeito. Até que a palavra “câncer” entrou na vida deles e as primeiras rachaduras apareceram. Quando cheguei ao mundo, o estrago ainda era reparável. Mas conforme a saúde de minha irmã se deteriorava, a fenda se

tornou mais profunda e minha mãe passou de estrela na empresa a jogadora de Banco Imobiliário no hospital quando Lucy tinha um dia bom. Parou de trabalhar. Parou de cantar de manhã enquanto preparava o café. Parou de encontrar as amigas. Parou de olhar-se no espelho. Parou com tudo.

Como eu disse no início, às vezes nos pediam no colégio para escrever uma redação sobre a família e contar sobre um dia especial ou para fazer um desenho. A figura de maior destaque na minha obra de arte era sempre meu avô: eu o desenhava maior que meus pais, porque era esse o papel dele na minha vida. Lucy era representada, com frequência, com um sol na cabeça e deitada imóvel em uma cama. Ao lado dela estava eu: pequena, quase insignificante, uma mancha de tinta que poderia passar despercebida.

Quando se tem uma irmã doente, você aprende, à força, a se virar sozinha. Você não espera que seus pais leiam histórias na hora de dormir ou que apareçam para torcer por você na próxima competição de patinação no gelo, porque provavelmente estarão ocupados tentando impedir que a outra filha morra por causa de uma infecção.

Não me lembro em que momento eles perceberam que fingir alguma normalidade familiar era uma utopia ridícula. Às vezes, havia temporadas boas, nas quais Lucy podia até ir à escola e todos nos sentíamos como se estivessemos congelados em um quadro perfeito de Edward Hopper que reproduzia um momento absurdamente cotidiano, mas isso nunca durava muito. Sempre vinha a recaída, e o hospital voltava a ser o quartel-general da batalha, com minha mãe na linha de frente e meu pai trabalhando cada vez mais para conseguir pagar as despesas médicas e se alienar da dor.

E onde eu me encaixava nessa equação?

Na casa do meu avô, que morava perto de nós. Quando penso em minha infância, vejo o telhado de duas águas de cor escura, os ninhos que os pássaros construíam na árvore que se via da janela da sala, cujas folhas caíam de um dia para o outro com a chegada do outono. Eu sei disso porque adorava pular em cima delas e ouvir o barulho que elas faziam. Crac, crac, crac. Um pouco afastado, Henry Tallon, como meu avô é conhecido por todos no bairro, me observava em silêncio enquanto bebia café sentado nos degraus da escada da varanda. Ele nunca foi um homem falante, absolutamente convencido de que “sim” e “não” são suficientes para responder a quase tudo e

avesso à ideia de desperdiçar palavras. Ele tem aquela praticidade que minha geração perdeu completamente: ou seja, só sai para comprar sapatos quando os que ele usa estragam, ou, quando chega a temporada da abóbora, se rende a ela porque se sente obrigado a nunca recusar o que os vizinhos generosos lhe oferecem, e então fazemos sopa de abóbora, torta e bolo de abóbora, cerveja de abóbora, carne recheada com abóbora, panquecas de abóbora com mel e até macarrão de abóbora.

Mas quando penso nele, também o vejo me levando à pista de gelo ou me acompanhando até o ponto do ônibus escolar. E me dando a primeira câmera fotográfica ou me ensinando a andar de bicicleta. Foi mais ou menos assim:

— Ponho os pés nos pedais?

— Sim.

Eu pus. Consegui avançar um metro, antes de cair no fim da rua. Meu avô me pegou pelo cotovelo para me ajudar a ficar em pé.

— Fui bem?

— Não.

— Vou tentar de novo.

— Sim.

— Isso é o freio?

— Sim.

— Legal.

E com mais alguns sins e não, aprendi a me equilibrar. Desde então, circulo de bicicleta por Ink Lake, tanto no inverno quanto no verão. Devo isso a ele, como tantas outras coisas. Não é que meus pais não quisessem fazer parte desse momento, mas sempre tinham coisas mais urgentes para fazer. Imagine ter que escolher entre passar a tarde com a filha moribunda, entubada por causa de uma nova complicação, ou pedalar um pouco com a outra filha. A balança estava inclinada antes mesmo de escreverem meu nome na certidão de nascimento.

Foi assim que me acostumei a viver nas sombras, nos bastidores.

Se você não faz barulho, se aprende a caminhar na ponta dos pés, chega um momento em que você se torna invisível, até quando se olha no espelho. *Quem é você?*, eu me perguntava de vez em quando, olhando para o reflexo dos meus vinte e dois anos. A resposta ecoava em minha cabeça quando, em uma

noite qualquer, voltava para casa de madrugada e a encontrava vazia, ou meu pai estava lá, mas nem se incomodava em me passar um sermão. Eu nunca estava sozinha: tinha sempre duas doses a mais e uma solidão asfixiante.

Quando me jogava na cama, aquela certeza girava à minha volta. “Meu nome é Grace Peterson e nasci...” Perseguia as palavras que voavam como borboletas. “Nasci para...” Eu as escrevia em papeizinhos, as pregava na parede para que não fugissem. “... salvar minha irmã.” E, no final, o sono me abraçava quando o dia nascia do outro lado da janela. Eu dormia tranquila. Dormia porque meus vazios diminuíam quando eu me lembrava de que, apesar deles, eu era a menina que conseguiu mudar uma vida, desafiar o destino, ser a heroína da história.

No mundo das ilusões, eu estava em um palco cheio de holofotes, o público aplaudia entusiasmado e Lucy olhava para mim com um sorriso radiante enquanto estendia o braço para segurar minha mão; porém, justamente quando a ponta de seus dedos tocava a dos meus, a fantasia se transformava em pesadelo e ela começava a se desmanchar como se fosse fumaça. Ondas roxas se moviam até que desapareciam de repente.

“Meu nome é Grace Peterson e nasci para salvar minha irmã.”

Então, o que acontece quando a razão de sua existência termina debaixo da terra, com uma lápide de granito cinza de mais de cem quilos em cima?

É como se você estivesse à deriva no meio do oceano. É como boiar e, ao mesmo tempo, carregar uma mochila cheia de pedras. É como se o mundo ao seu redor se distorcesse como as ondas de calor no verão. É como se o medo ganhasse a batalha contra a razão. É como se tudo se paralisasse.

Então, agora Lucy está morta.

E eu já não sei quem sou.

**E se te dessem um mapa
para descobrir quem você é?
Você seguiria o caminho
traçado até o fim?**

Imagine que você está destinada a salvar sua irmã, mas no fim ela morre e a razão da sua existência se esvai. É isso que acontece com Grace Peterson, a garota que sempre se sentiu invisível, que nunca saiu de Nebraska, que coleciona palavras e vê os dias passarem enquanto está presa na monotonia. Até que chega às suas mãos o jogo “O mapa dos desejos” e, seguindo as instruções, a primeira coisa que ela deve fazer é encontrar alguém chamado Will Tucker, de quem nunca ouviu falar e que está prestes a embarcar com ela em uma viagem ao próprio coração, repleta de vulnerabilidades e sonhos esquecidos, anseios e afetos inesperados.

**Mas será possível seguir em frente
quando os segredos começam a pesar
demais? Quem é quem nesta história?**

